

## NOVOS TERRITÓRIOS DA POESIA: LEITURAS E CONSIDERAÇÕES

Kátia Caroline de Matia  
[katiacarolinematia@gmail.com](mailto:katiacarolinematia@gmail.com)  
<http://lattes.cnpq.br/7123326659195119>

### RESUMO

Com o advento do ciberespaço, a literatura expandiu seus domínios para esse novo suporte possibilitando o desenvolvimento de novos modelos de expressão poética, com destaque para a chamada *poesia digital*. Trata-se de um tipo de produção ficcional que suscita letramentos específicos para a produção de seus significados, visto abarcar o uso de outros sistemas semióticos onde a escrita verbal não é um meio exclusivo, de tal modo que o campo das pesquisas referentes aos estudos literários é ampliado. Neste artigo propomos evidenciar, por meio da leitura de dois poemas digitais, a configuração de tal produção poética que resignifica e desconstrói o suporte em que surge por ser uma atitude reflexiva da tecnologia computacional.

**Palavras-chave:** Poesia digital; Ciberespaço; Leitura literária.

### Introdução

Novas modalidades de práticas sociais de leitura e escrita são introduzidas no contexto do ciberespaço, ao passo que novas formas de texto emergem dele. As novas possibilidades tanto de produção quanto da recepção da literatura propiciadas pelas novas tecnologias envolvem, na verdade, questões de letramento, pois configuram práticas de uso da escrita e da leitura que, embora tenham elos com os usos da escrita impressa, dela podem se distanciar, visto abarcarem o uso de outros sistemas semióticos onde a escrita verbal não é um meio exclusivo, de tal modo que o campo das pesquisas referentes aos estudos literários é ampliado.

Há literatura digitalizada, e-books, narrativas e poemas hipertextuais e colaborativos, textos produzidos e veiculados por meio de blogs, ou em redes sociais, *fanfics* e, dentre tantas formas, há a *poesia digital*, um tipo de produção ficcional que utiliza modos diversos do verbal - configurando-se como uma textualidade digital que suscita letramentos específicos para a produção de seus significados. É esse tipo de produção ficcional que abordamos neste artigo a fim de evidenciar, por meio da leitura de

dois poemas digitais, a configuração de tal produção poética que resignifica e desconstrói o suporte em que surge por ser uma atitude reflexiva da tecnologia computacional.

### **Novos territórios da poesia**

Na definição de Santaella (2003, p. 176), no ciberespaço “novos territórios da sensoridade e sensibilidade” são abertos possibilitando o surgimento de uma arte interativa, mediada pelo computador. Novas formas literárias emergem, apresentando, cada uma delas, suas especificidades. Segundo Antonio (2010), a compreensão das produções literárias na cibercultura só é possível se tivermos como parâmetros de análise dos procedimentos que as suas dimensões nos mostram: artísticas (visual, cinética e sonora) e computacionais (meios digitais, hipertextualidade, interatividade, processo interativo e hipermedialidade). Assim, prossegue o autor, esses novos critérios de literariedade devem considerar o diálogo entre as diferentes linguagens, pois a literatura deixa de ser linguagem verbal e amplia seus horizontes, suas delimitações, para tornar-se texto verbal, sonoro, visual, audiovisual, digital, em outro contexto.

A *poesia digital*, entendida por nós (MATIA, 2013), é, portanto, uma forma poética que não pode ocorrer no suporte impresso como a poesia visual, é um tipo de poesia que necessita do computador e da internet tanto para sua produção quanto para a sua leitura, por utilizar HTML (*HyperText Markup Language, Linguagem de Marcação de Hipertexto*) e por ser produzida por meio de softwares com extensão em *Flash (.swf- Shockwave Flash File)*, também se difere de um vídeo poema por apresentar elementos hipertextuais eletrônicos e por lançar mão da palavra, da imagem, do som e das relações de interatividade com o leitor.

É necessário enfatizar que os sentidos não emergem da tecnologia computacional em si mesma, pois, como afirma Antônio (2010, p.27-8), a poesia digital é “uma atitude reflexiva, uma manifestação a respeito da tecnologia computacional”, “uma poetização da tecnologia computacional”, conforme veremos nas leituras a seguir:

## Teorema

O poema digital “Teorema” está disponível em: <http://www.arteonline.arq.br/museu/poesiadigital/josemaria/index.htm><sup>1</sup>. É de autoria dos brasileiros José Maria Bezerril, de Edineusa Bezerril, produtora da imagem, e de Regina Célia Pinto produtora da configuração em *flash*. Abaixo, segue uma imagem do poema com mero caráter ilustrativo, uma vez que a leitura do poema só se concretiza no navegador e com acesso à internet.

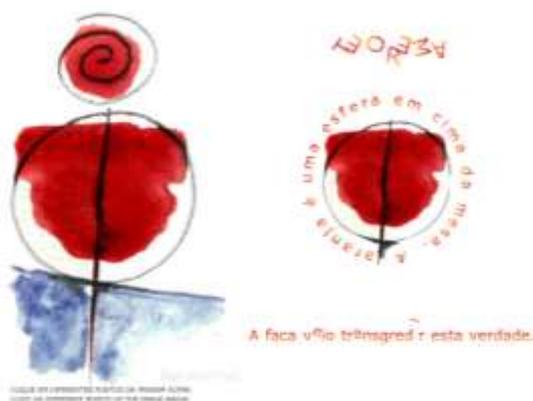


Figura 1. imagem capturada do Poema digital *Teorema*, disponível em: <http://www.arteonline.arq.br/museu/poesiadigital/josemaria/index.htm>

Abaixo do poema digital há o poema organizado em versos:

### Teorema

Poesia / Poetry: J.M.Bezerril

A laranja  
é uma esfera em cima da mesa.  
A faca  
veio transgredir essa verdade.  
A laranja  
virou metade.

---

1 De acordo com o *Internet Archive: Way Back Machine* <http://archive.org/web/web.php>, - um banco de dados que arquiva páginas da WWW desde 1996- , a página do poema Teorema existe desde 2004.

A palavra *Teorema* que, por definição, é uma afirmação que pode ser provada como verdadeira, intitula o poema. No texto construído de maneira tradicional há seis versos, sendo que, na configuração visual destes, o primeiro e o quinto versos, “A laranja”, são interceptados pelo terceiro verso: “A faca”. Parece haver o questionamento da verdade, seja ela científica ou não. O título *Teorema* supõe ao leitor a ideia de uma verdade provada cientificamente, entretanto, o eu-lírico frustra toda essa expectativa ao evocar, nos dois primeiros versos, uma laranja, uma fruta prosaica. Logo, percebemos que o eu-lírico não está se referindo apenas aos elementos científicos, mas sua ideia de teorema compreende tudo o que circunstancia a vida. A segunda afirmação do poema, nos versos seguintes, refere-se à faca, que instaura um elemento de tensão no poema, pois sua ação quebra o estatuto de verdade proposto sobre a laranja (ser uma esfera em cima da mesa). A faca é um elemento que questiona a verdade sobre a laranja, pois ao cortá-la, modifica a verdade sobre ela: não é mais esfera, conjunto único, mas duas metades. Assim, o poema questiona, a partir de sua construção, a noção de teorema, propondo-lhe outro sentido: o teorema do eu-lírico se refere ao fato de que não há verdade, pois toda verdade só é uma verdade até que se prove o contrário, ou seja, há uma instabilidade no próprio conceito de teorema.

Assim, a palavra, enquanto elemento composicional no poema digital, não abandona seu status, mas tem seus sentidos potencializados por outros recursos. A organização dos versos é potencializada no poema digital em associação ao movimento e à visualidade. É necessário clicar na imagem para que o texto verbal apareça, e cada leitor decidirá em quais partes da imagem irá clicar e constituirá o seu percurso de leitura. Nós realizamos o percurso de leitura a seguir.

Ao clicarmos sobre a parte superior da imagem, a palavra TEOREMA aparece e logo se desfaz, com efeito de letras caindo, o que já é significativo, uma vez que uma verdade se desfaz, e cai. Ao clicarmos sobre um ponto intermediário da imagem, surge a afirmação: “a laranja é uma esfera em cima da mesa”. No poema digital o verso assume a visualidade da laranja, o verso toma forma circular da laranja e gira em torno da imagem representada como a laranja, que por sinal está em vermelho e com um corte em preto. A cor das letras apresenta um tom que segue do alaranjado para o vermelho.

Clicando novamente na parte intermediária da imagem surge o verso: “A faca veio transgredir essa verdade”. Vejamos que há um trabalho com a linguagem no nível sonoro que também estabelece o choque entre a laranja e a faca. Por meio da aliteração do S em “é uma esfera em cima da mesa”, e da aliteração do V em “veiro transgredir essa verdade” “virou metade”, a palavra “esta” (no poema em versos tradicionais a palavra é “essa”) retoma a aliteração do S no verso que descreve a verdade sobre a laranja. E a aliteração de V, retoma a palavra “faca”, uma vez que **f** e **v** são consoantes fricativas e de sonoridade próxima. A faca “transgride” a verdade de a laranja ser uma esfera em cima da mesa. No poema digital as letras do verso sobem em direção à representação visual da laranja, como ícone do paralelismo semântico da verdade a ser transgredida, transpassada pelas letras. Não acaba aí, pois ao clicarmos na parte inferior da imagem em aquarela, surgem duas esferas, como partes da laranja cortada, e o verso “A laranja virou metade”, e, tanto as imagens quanto as letras, caem, assim como a palavra *Teorema* que inicia o poema.

## Ciberpoema Navio

O site em que se encontra o *ciberpoema Navio* <<http://www.ciberpoesia.com.br>> foi criado em 2000 para a divulgação do livro *Poesia Visual*, de Sérgio Capparelli e Ana Cláudia Gruszynsky e alguns dos poemas visuais foram produzidos como poemas digitais (os *ciberpoemas*) provocando a criação de novas obras. O poema digital *Navio* é resultado da produção colaborativa de Daniel Quevedo, Sérgio Capparelli, Ana Cláudia Gruszynski e da W3Haus, agência digital que desenvolveu o site e colaborou no planejamento do poema<sup>2</sup>.

Em relação ao título, *Navio*, é válido ressaltar que, no contexto cibercultural, são utilizados termos náuticos (navegar, redes, internauta, cibernauta, piratear, *surf*- termo em inglês) que retomam um contexto histórico marcado, o das grandes navegações, quando

---

2 A necessidade de conhecer as potencialidades das ferramentas proporcionadas pelo desenvolvimento tecnológico faz com que o poeta busque auxílio de conhecimento especializado por parte de técnicos e/ou de designers.

o homem avançou suas fronteiras e o seu conhecimento por meio das grandes embarcações, ou seja, são retomadas terminologias de uma tecnologia anterior para esse novo contexto que é tido como tão revolucionário na história da humanidade quanto o foram as navegações seiscentistas.

No poema, *Navio* é a grande metáfora do ser humano. É um outro a que o eu-lírico se refere. É o ser humano que navega, que cruza os mares, que se desenvolve e explora o mundo, é a vida do ser humano que passa em meio à velocidade globalizada. Do mesmo modo que “Navio” se constitui metáfora do ser humano, o “Mar” do verso “Neste Mar” se constitui metáfora de vida/existência, fazendo com que o poema possa ser compreendido como uma alegoria do homem na situação contemporânea e suas relações com o universo digital, das novas técnicas de comunicação, do avanço da ciência e da tecnologia.

Na configuração sonora do poema, que emerge do trabalho com a linguagem, há a assonância de “a” em “a vida”, “a vinda”, “a volta”, “Bombaim”, “Mombassa”, “fumaça”, que dá amplitude ao “Mar” colocado em letra maiúscula, uma vez que “Mar” faz uma referência de espaço com sentido metafórico, ou seja, mar é um espaço que significa vida/existência, não é uma vida particular, mas uma vida conjunta do ser humano enquanto espécie que habita o espaço terrestre, é uma vida em humanidade, daí o sentido de amplitude desse “Mar”.

Esse sentido de “Mar” estabelecido como metáfora se constrói não só pelo dêitico “Neste” do verso “Neste Mar”, e da amplitude potencializada pelo nível sonoro da linguagem verbal, mas também a partir da própria configuração visual do poema.

Quando visualizamos o poema digital *Navio*, os elementos visuais do poema visual são mantidos, porém sob outra perspectiva, como se o leitor pudesse olhar o mar visto de cima, como a superfície do globo terrestre que inicia o poema. Segue uma imagem capturada:

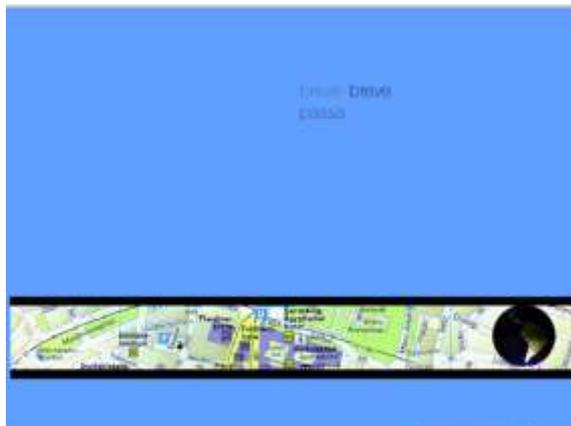


Figura 2. imagem capturada do *ciberpoema Navio*, disponível em: [http://www.ciberpoesia.com.br/ciber\\_navio.htm](http://www.ciberpoesia.com.br/ciber_navio.htm)

O ciberpoema tem início com um fundo preto e um globo terrestre girando rapidamente. O leitor deve clicar no globo e no fundo azul que se abre para iniciar a leitura do texto verbal. Na parte inferior da tela há uma faixa à altura do globo que continua girando numa velocidade muito rápida em relação à velocidade real do globo terrestre, indicando a passagem breve dos dias ou a rapidez da existência num mundo que abole distâncias geográficas e temporais, tal como é o mundo contemporâneo. As imagens que passam nesta faixa são altamente significativas. Há imagens com a localização de cidades, mapas com indicação rodoviária, imagens de satélite mais aproximadas e mais distantes, mapas físicos visualizados por satélite que indicam o relevo e a temperatura da superfície, e há também imagens microscópicas, visualizadas por microscópios eletrônicos. Cada imagem é alternada com a passagem de “um rolo de fumaça”, que poderiam ser nuvens que rapidamente tomam forma e se desfazem. A produção de imagens dessa natureza é possível apenas a partir do desenvolvimento da ciência e da tecnologia contemporânea. São coisas a que os olhos humanos têm acesso que eram impossíveis de serem acessadas no passado quando o mundo era desconhecido dos próprios seres humanos.

Quando o eu-lírico fala de “Mar” não está se referindo ao mar Mediterrâneo ou Adriático, pois “Mar” é, efetivamente, uma metáfora de vida, de existência da humanidade. O poema indica isso por meio dos recursos visuais, tais como o globo terrestre girando rapidamente e as imagens de mapas, imagens de satélite e imagens microscópicas

alternando-se. No período das grandes navegações os mapas cartográficos, produzidos artesanalmente sem a exatidão técnica das informações, levaram o homem a desbravar o mundo. Hoje, como mostra o poema, é possível que o homem tenha a sua disposição mapas de diversos formatos e dimensões com exatidão de informações gráficas e numéricas, o homem tem a sua disposição imagens de satélite que permitem que o ser humano olhe para o mundo numa perspectiva que é exterior a ele mesmo. O homem navega por esse mundo, e pelo seu exterior, seja um astronauta que olha a terra de uma nave espacial, seja um internauta de qualquer parte do mundo que olha para esse mundo capturado por satélites. Hoje o homem navega sem limites para o desvendamento do mundo.

Quando observamos esses elementos apresentados pelo eu-lírico, a saber, um mapa físico, uma imagem de satélite, uma imagem microscópica, podemos perceber que efetivamente o poema digital evoca sentidos não apenas por meio da sua materialidade verbal, mas também por meio da materialidade visual e de movimento, uma vez que essas imagens vão se alternando infinitamente na tela do computador. Assim, ao evocar tais imagens, o eu-lírico parece tematizar a ausência das distâncias já que tudo foi aproximado, e tudo é muito rápido, conforme os versos “a vida / é breve/ a vinda / breve”.

O eu-lírico quer chamar atenção para a questão geográfica e para o conhecimento tecnológico e científico que patrocinaram tecnologias capazes de fazer esse rastreamento geográfico. Desse modo, o poema trata das desterritorialidades, da abolição das distâncias físicas e, ao mesmo tempo, da quase inexistência de barreiras para a própria ciência a para a tecnologia, uma vez que quase todos os elementos do globo terrestre já foram cientificamente capturados e analisados. Isso é tão maravilhoso que provoca o desvendamento do mundo. Assim como os navios desvendaram o mundo na época das grandes navegações, a tecnologia e o conhecimento científico desvendam, hoje, o mundo e seus mistérios.

No entanto, existe uma contradição, pois mesmo com o desenvolvimento de todo o conhecimento das questões científicas e tecnológicas do mundo, o homem não tem conseguido encontrar condições de vivência digna para toda a humanidade, não tem conseguido diminuir as desigualdades sociais, não tem conseguido acabar com as

guerras e a fome no mundo, não tem conseguido solucionar as mazelas humanas. A abolição das distâncias possibilita o conhecimento macro e microscópico de tudo o que há no mundo, como um conhecimento total, porém, é um conhecimento restrito. A desagregação de valores e a desigualdade humana aumentam conforme aumenta a velocidade dos meios de comunicação e de transportes no mundo por meio da globalização. Conforme o pensamento de Isaac Asimov (1988, p.281), o aspecto mais triste da vida neste momento é que a ciência acumula conhecimento mais rápido do que a sociedade acumula sabedoria, “the saddest aspect of life right now is that science gathers knowledge faster than society gathers wisdom”. Esta perspectiva crítica do mundo contemporâneo parece permear o poema quando observamos o fato de o eu-lírico evocar três cidades: “Rio”, “Bombaim” e “Mombassa”. O Rio de Janeiro, (América do Sul - Brasil), Bombaim (Índia) e Mombassa (Quênia - África) são cidades que estão em distâncias grandes entre si geograficamente, mas que se aproximam em função de serem grandes cidades, litorâneas, situadas em zonas do globo caracterizadas pelo subdesenvolvimento, seja total ou parcialmente, e pela desigualdade social. Assim, quando o eu-lírico evoca justamente essas três cidades, caracterizadas e aproximadas pelas mazelas humanas, evoca a contradição do desenvolvimento tecnológico e científico do mundo. Além disso, no nível sonoro da linguagem, podemos perceber que a aliteração de “b” e “p” em “breve”, “Bombaim”, “Mombassa”, “pra” e “passa”, com adição de repetição, produz um ritmo rápido ao poema, figurando a velocidade do contexto contemporâneo que impede o homem de perceber o que aproxima essas três cidades. A velocidade do desenvolvimento da ciência é contraditória, pois a humanidade padece em um ritmo ainda mais acelerado.

O uso de advérbios de lugar no poema enfatiza a velocidade de locomoção tanto no tempo quanto no espaço. A marcação espacial suscitada pelo eu-lírico, no primeiro verso - Neste mar – refere-se ao conjunto de circunstâncias sociais, econômicas e geográficas corporificadas pelas três cidades: Rio de Janeiro, Bombaim e Mombassa. Além disso, há outras duas marcações espaciais: o barqueiro (Caronte) está “em sua barca” e o besouro “na vidraça”. Caronte é uma figura mitológica que carrega, com sua barca, os que morrem, e os leva do mundo dos vivos ao mundo dos mortos. A brevidade da vida da qual fala o eu-lírico é tal como a viagem de Caronte levando os mortos em sua

barca. A velocidade do homem (do navio) é igual à velocidade de Caronte quando levava os mortos ao inferno. De uma comparação mitológica e grandiosa, o eu-lírico passa a uma comparação simples e prosaica quando evoca a figura de um inseto, um besouro sob a chuva na vidraça. Passa, assim, de um mundo amplo para uma imagem tão pequena em uma vidraça. Essa figuração retoma a contradição de que o homem é tão capaz de conhecer tudo tão de perto, e tão de longe, mas não conhece a si próprio e ao outro, pois é fragmentado.

A fragmentação está presente na própria forma de apresentação do *ciberpoema Navio*, pois não é possível lê-lo como um todo. Em movimento as palavras surgem e desaparecem em vários pontos no quadro azul. Cabe ao leitor perceber a passagem e o aparecimento das palavras. Além do movimento das imagens na faixa na parte inferior da tela que vão passando e alternando-se, e o globo terrestre que fica girando rapidamente, as palavras surgem também rapidamente como fragmentos em movimento sobre o fundo azul do poema.

Como procuramos mostrar, os sentidos do poema digital emergem da relação entre os vários estratos inerentes ao texto verbal e os elementos que constituem a visualidade, o movimento e a interatividade. São vários sistemas semióticos que, juntos, produzem sentidos ao poema como um todo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTONIO, Jorge Luiz. *Poesia Digital: negociações como os aspectos digitais: teoria, história, antologias*. São Paulo: Navegar Editora; Columbus, Ohio, EUA: Luna Bisonde Prods; FAPESP, 2010.

ASIMOV, Isaac. *Book of Science and Nature Quotations*. New York: Blue Cliff Editions, 1988.

MATIA, Kátia Caroline de. *Poesia expandida: a escrita poética no ciberespaço*. Maringá, 2013. 111 f. (Mestrado em Letras). Universidade Estadual de Maringá, Maringá.

SANTAELLA, Lúcia. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2003.

**SOBRE A AUTORA:**

Kátia Caroline de Matia possui graduação em Letras Português/Inglês pela Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão (Fecilcam/UNESPAR). É mestre em Letras, na área de Estudos Literários, pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), e doutoranda pela mesma instituição, com pesquisas na linha Campo literário e formação de leitores. Atua como tutora a distância do curso de Letras Português/Inglês da UEM (modalidade à distância) e como professora na rede estadual de ensino do Paraná.